



**RUMO À UNIVERSALIZAÇÃO DA ÉTICA DO
CUIDADO: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA
COM BASE NOS CONCEITOS DE NEL
NODDINGS**

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2024.202.03>

Evelaynne Hort

Mestranda em Bioética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR

eve.hort.p@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-8161-9260>

RESUMO:

Este artigo aborda a Ética do Cuidado com foco na perspectiva de Nel Noddings. O objetivo é apontar a possibilidade de uma Ética do Cuidado universalizável, visto que Noddings não oferece critérios sistemáticos para a Ética do Cuidado, pois deseja afastar-se dos conceitos das éticas principialistas e concentrar-se no fator emocional envolvido na moralidade, em especial na educação moral feminina tradicional, inserida no contexto da cultura ocidental patriarcal. Além de buscar uma análise feminista dos conceitos de Noddings. A pesquisa tem como caráter metodológico a revisão bibliográfica narrativa, fazendo uso de obras filosóficas como único material de pesquisa. Verificou-se que há possíveis alternativas para que a Ética do Cuidado se torne universalizável através da ética do cuidado responsável, para isso construiu-se uma diferenciação entre emoções naturais e emoções morais, além da proposta de expansão das esferas de cuidado através dos sentimentos de empatia, simpatia e responsabilidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Ética do Cuidado. Feminismo. Emoções. Educação Moral.

**TOWARDS THE UNIVERSALIZATION OF ETHICS OF CARE: A FEMINIST PERSPECTIVE
BASED ON NEL NODDINGS' CONCEPTS**

ABSTRACT:

This article approaches the Ethics of Care from the perspective of Nel Noddings. Its objective is to point out the possibility of a universalizable Ethics of Care, since Noddings does not offer systematic criteria for the Ethics of

Care, because she wants to move away from the concepts of principlialist ethics and concentrates on the emotional factor involved in morality, especially in the traditional female moral education of patriarchal Western culture. The article also tries to search a feminist analysis in Noddings' concepts. It was found that there are alternatives for the Ethics of Care to become universalizable by the ethics of responsible care. For this purpose a differentiation between natural emotions and moral emotions was constructed in addition to the proposal to expand the spheres of care through feelings of empathy, simpathy and responsibility.

KEYWORDS:

Ethics of Care. Feminism. Emotions. Moral Education.

1 Introdução

Este artigo tem sua base na seguinte declaração de Nel Noddings, encontrada em seu livro intitulado *O Cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*, (2003, p. 25, adaptação nossa): “este trabalho [seu livro] não visa uma exposição sistemática dos critérios para o cuidado.” Mas se não há critérios sistemáticos, de que forma o cuidado pode ser utilizado como ideal moral para o agir ético considerando a influência do fator emocional na educação moral?

Em sua obra, Nel Noddings desenvolve o conceito de ética do cuidado como uma alternativa à ética de princípios, formulada por autores do gênero masculino. A intenção de Noddings é trazer aos holofotes a estrutura do pensamento feminino e como ele se apresenta dentro da moral e da ética. A partir dessa obra principal será realizado um levantamento de obras filosóficas para a realização de uma reflexão e análise para elaborar uma possível resposta para o problema de pesquisa. Salienta-se que o tema já foi abordado por Alexnaldo Rodriguês em sua tese “Formação ética do(a) pedagogo(a): entre o dever e o cuidado”, entretanto, não na perspectiva de uma análise feminista.

Nel Noddings (2003), ao trabalhar a educação moral feminina, constata que as mulheres abordam a moralidade de uma perspectiva emocional, apontando a importância do fator emocional dentro da educação moral. Ao direcionar seu olhar à moralidade com foco na educação moral feminina, a autora apresenta a principal diferença dessa perspectiva indicando que:

As mulheres, talvez a maioria delas, preferem discutir os problemas morais em termos de situações concretas. Elas abordam os problemas morais não como problemas intelectuais a serem resolvidos pelo raciocínio abstrato, mas como problemas humanos concretos a serem vividos e resolvidos na vida (Noddings, 2003, p. 125).

O conceito de cuidado, então, surge de uma percepção de como a educação moral é realizada de forma distinta para homens e para mulheres. Essa diferença é um reflexo dos papéis de gênero instituídos

socialmente. Noddings objetiva, em seu trabalho, expor a perspectiva feminina¹ da moralidade e da ética. Trata-se de resgate e validação da ética feminina, pois durante muito tempo houve uma construção da moral e da ética predominantemente masculina e estritamente racionalista. Contudo a sociedade está em constante transformação e, por isso, há a possibilidade do cuidado se tornar mais comum na educação moral masculina ou até mesmo parte de uma educação “agênero” ou não-binária.

Noddings, influenciada por Carol Gilligan, acrescenta uma camada na construção da moralidade generalizada como feminina: o fator emocional, o cuidado. Essas autoras perceberam que a moralidade que é aplicada no âmbito doméstico pelas mulheres não é necessariamente inferior à moralidade que foi construída para o âmbito social. Noddings (2003) apresenta um objetivo claro, construir uma ética baseada no cuidado e sustentar que há um tipo de cuidado natural e acessível a todos os seres humanos.

O foco principal da autora se relaciona diretamente com o feminismo² e demonstra que os papéis de gênero na sociedade interferem na estrutura de pensamento. Com essa perspectiva, Noddings traz uma abordagem alternativa dentro da moralidade, visto que:

Elas entram no âmbito por uma porta diferente, digamos assim. Certamente, isso não quer dizer que as mulheres não possam dispor os princípios hierarquicamente e extrair conclusões lógicas. É mais provável que encaremos esse processo como periférico – ou até estranho – a muitos problemas de ação moral (NODDINGS, 2003, p. 12).

Mesmo que em sua maioria esses exemplos sejam relacionados com papéis comumente associados a mulheres, a própria autora ressalta: “há uma forma de cuidado natural e acessível a todos os seres humanos” (NODDINGS, 2003, p.45).

A partir dessas revisões bibliográficas, a análise será feita considerando que, para Noddings (2003, p. 45) “A própria ética não vai incorporar um conjunto de julgamentos morais universalizáveis. Na verdade, o julgamento moral não vai ser sua preocupação principal.” Por mais que a autora explicita que o conteúdo de sua obra não deve ser tomado como empírico ou lógico (NODDINGS, 2003) devemos observar como ocorreria o agir ético dentro da ótica da ética do cuidado, incluindo o fator emocional e o cuidado natural acessível a todos os seres humanos.

¹ Noddings não define o que seria “feminino”, entende-se que o termo é abordado segundo uma perspectiva de “senso comum”, ou seja, relativo à mulher. Em específico neste artigo, refere-se a mulheres cisgênero, o que Noddings (2010) classifica como “fêmea natural”.

² Entende-se feminismo como o movimento protagonizado por mulheres que busca a igualdade de gênero na sociedade.

2 Uma nova perspectiva

Nel Noddings, como foi dito anteriormente, desenvolveu o conceito de Ética do Cuidado como uma alternativa a ética de princípios, formulada por autores do gênero masculino. Assim como Gilligan (2006), em sua obra *In a different voice: psychological theory and woman's development*, Noddings indica que homens agem através de princípios e lógica, enquanto as mulheres colocam-se o mais próximo possível de situações concretas para obterem o máximo de informações sobre uma situação. Isso teria o condão de criar um panorama mais abrangente dos fatos e permitir tomadas de decisões morais. Como Noddings (2003, p. 20-21, grifos da autora, adaptação nossa) aponta:

As mulheres, em particular, parecem abordar os problemas morais colocando-se o mais próximo possível de situações concretas e assumindo uma responsabilidade pessoal pelas escolhas a serem feitas. Elas se definem em termos do *cuidado* e, a partir da posição de cuidadoras³, abrem o seu caminho por meio dos problemas morais. Essa posição ou atitude de cuidado ativa uma estrutura complexa de lembranças, sentimentos e habilidades. [...] Mas acredito que uma ética do cuidado surge a partir da nossa experiência como mulheres, assim como a abordagem lógica tradicional dos problemas éticos se origina mais obviamente da experiência masculina.

A Ética do Cuidado visa satisfazer o outro moralmente, e isso depende da força e da natureza do cuidado, visto que não há princípios que o sistematizem. A partir disso, a autora declara que rejeita a ética do princípio por “considerá-la ambígua e instável” (NODDINGS, 2003, p. 15-16, grifo da autora):

Onde houver um princípio, aí está implícita a sua exceção, e, muito frequentemente, os princípios funcionam para nos separar mutuamente. Podemos nos tornar perigosamente farisaicos quando nos percebemos possuidores de um princípio que o outro não tem. O outro pode então ser desvalorizado e tratado *diferentemente*. Nossa ética do cuidado não vai permitir que isso aconteça.

Carol Gilligan (2006) foi pioneira em fazer essa advertência por meio da observação psicológica. Gilligan fez um estudo empírico entrevistando homens e mulheres cis gênero em diversas faixas etárias, propondo os mesmos dilemas morais e relacionando as respostas obtidas. Suas críticas são voltadas a Freud, Piaget e Kohlberg – com mais foco no terceiro autor – sobretudo quanto ao o senso de justiça das mulheres, considerando que elas não atingiam os seis níveis de desenvolvimento do julgamento moral da infância até a vida adulta, pois a escala de Kohlberg considera que as mulheres atingem apenas o terceiro estágio e não se atém aos princípios universais de justiça como os homens (GILLIGAN, 2006).

O cuidado baseia-se quase integralmente no emocional, o que o faz se tornar uma abordagem alternativa. Quanto a isso, Noddings alerta:

³ Magda Lopes, tradutora da obra de Nel Noddings, *O Cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral* (Unisinos, 2003) optou por traduzir o termo *caregiver* no artigo feminino, devido à perspectiva da obra e à binariedade da língua portuguesa.

Em toda a nossa discussão sobre a ‘eticidade’, devemos permanecer em contato com o afeto que lhe dá origem. Isto não significa que a nossa discussão vá afundar no sentimento, mas é necessário dar atenção e crédito adequados à base afetiva da existência (2003, p. 14).

Além disso, a autora parte do um princípio de que todo ser humano tem uma pré-disponibilidade para o bem e o agir moral surge da necessidade de satisfazer o outro moralmente, ou seja, essa necessidade surge porque temos essa predisposição. Assim, Nel Noddings ressalta:

Uma ética do cuidado tem sua fonte no cuidado humano natural e busca a manutenção e o aumento desse cuidado. Sua preservação dos valores tradicionais é um sinal de que ela é a origem dos valores morais e que a deliberação moral pode seguramente ser encaminhada a ela. Mas não é uma ética que nega a vida. Ainda que sua fonte e seu enfoque sejam o outro, não é uma ética severa, submissa ou covarde (2003, p. 139).

Essa também acrescenta uma camada ao agente moral: o emocional. Nessa podemos enquadrar desde conceitos como afeto até memória, compromisso e responsabilidade. Há uma ampla gama de considerações a serem feitas e que impactarão diretamente no desenvolver deste cuidado. A autora ressalta que o cuidado em si não é uma virtude (NODDINGS, 2003), “o compromisso ético genuíno de se manter como cuidadora dá origem ao desenvolvimento e ao exercício de virtudes, mas estas devem ser avaliadas no contexto de situações de cuidado” (NODDINGS, 2003, p. 126). Dessa maneira, o cuidado natural é uma forma inicial para o desenvolvimento do cuidado ético. Essa condução depende do agente moral com base em sua memória e consciência, entretanto a deliberação deve ser feita a partir de uma descrição do cuidado e com exemplos concretos, pois esse cuidado não pode ser integralmente constituído pela regra ou pela definição (NODDINGS, 2003). Noddings enfatiza que o modelo da ética do cuidado procura manter o cuidado em si.

Há diferenças entre o cuidado natural e o cuidado moral. Enquanto o primeiro é uma aspiração do ser humano, o segundo depende de um processo que o torne uma ação moral. De acordo com a teoria de Virginia Held, ambos têm origem no fator biológico. Held (2006, p. 45) afirma: “a personalidade moral é um status conferido às entidades biológicas humanas pela moralidade, lei e uma variedade de práticas humanas”.

A autora Clarice Moraes Araújo (2017) explica que o cuidado ético só acontece devido ao cuidado natural, entretanto podemos agir de acordo com o cuidado natural e com o cuidado ético. Noddings cita que o ato de alimentar o próprio filho não é algo feito por um dever moral, este ato é oriundo do cuidado natural, de nossa inclinação para o bem.

Assim, o dever moral, na perspectiva da ética do cuidado da autora, tem um papel essencial, por isso deve-se esclarecer a diferença entre o dever e a obrigação: o dever moral atua em conjunto com o querer, não sendo imposto, pois o cuidado se desenvolve justamente dentro de relações humanas e considera

o ser humano além de seus valores. A inclinação para o cuidado natural está presente, mas há a opção de recusá-lo em determinadas situações, mesmo que, nesses momentos, para Noddings, haja um afastamento do ideal ético.

3 Cuidado, sentimentos e emoções

Considera-se que nem todas as emoções são morais, entretanto podem ser ressignificadas através do processo de educação moral. Essa ressignificação impede que a proposta de uma ética do cuidado caia em um sentimentalismo. “O cuidado normalmente não se manifesta em emoções morais, e podemos cuidar coisas e pessoas que carecem de significado moral.” (PRINZ, 2007, p. 86). O cuidado que Noddings propõe implica um sentimento moral derivado de uma emoção moral, a predisposição para o bem. Essa predisposição para a bondade é caracterizada por Noddings (2003, p. 70) como “uma avaliação do estado do cuidado natural”. De acordo com a autora:

Podemos ser capazes de descrever o impulso moral quando ele surge em resposta a necessidades e sentimentos particulares e podemos ser capazes de descrever a relação do pensar e do agir em relação a esse impulso; mas, quando lidamos com essas tarefas, podemos nos afastar muito de uma noção de moralidade objetiva e nos aproximar das convicções de que um cerne subjetivo irremovível. Um anseio pela bondade, estipula que universalidade e estabilidade existem naquilo que significa ser moral. (NODDINGS, 2003, p. 44-45).

O impulso moral parte, não da racionalidade e reflexão abstrata, mas do impulso derivado das emoções morais. Uma ação totalmente emocional demonstra-se primitiva, partindo das principais emoções que geram uma resposta imediata, como a raiva e o medo. Para Nel Noddings, essas emoções podem aparecer em situações que envolvam um conflito ético, mas a que se sobressai é a bondade, identificado como “o estado natural que inevitavelmente identificamos como *bom*” (NODDINGS, 2003, p. 71, grifo da autora), o que guia implicitamente nosso pensamento. O cuidado de Noddings é pautado naquilo que Jesse J. Prinz caracteriza como emocionismo⁴ epistêmico, assim definido:

Emocionismo epistêmico é uma tese psicológica. É uma tese sobre conceitos morais. O rótulo “epistêmico” adverte para o fato de que os conceitos são as ferramentas psicológicas pelas quais chegamos a compreender a moralidade. Mas a psicologia tem outra dimensão. É o *locus* da ação. E é neste domínio que o emocionismo mostra outra face. Para agir, devemos estar motivados. Emoções e a motivação estão ligadas. As emoções exercem força motivadora. Há clínica evidência de que, sem emoções, as pessoas não sentem vontade de agir. (PRINZ, 2007, p. 17, grifo nosso).

⁴ O termo “emocionismo” foi traduzido de forma literal do conceito “*emotionism*” de Jesse J. Prinz para manter fidelidade ao conceito do autor.

Essa força motivadora é o que Noddings percebe no cuidado. A autora descreve seu modelo ético como uma ética que está longe de ser romântica, ela é prática, feita para essa Terra (NODDINGS, 2003). Nesse contexto também se encontra o cerne da crítica que Nel Noddings faz às éticas dos princípios.

Como apontado, a perspectiva de diversas autoras que tratam do cuidado não descarta totalmente a ética racionalista. O que ocorre é uma inversão: não se colocam os sentimentos e emoções a trabalho do puro racionalismo, o racionalismo que se desenvolve em um papel secundário para tornar as emoções puras em emoções morais. Virginia Held (2006, p. 11) ressalta:

Nem toda emoção é valorizado, é claro, mas em contraste com as abordagens racionalistas dominantes, emoções como simpatia, empatia, sensibilidade e capacidade de resposta são vistas como o tipo de emoções morais que precisam ser cultivadas não apenas para ajudar na implementação dos ditames da razão, mas para melhor averiguar que moralidade recomenda. Mesmo a raiva pode ser um componente da indignação moral que deve ser sentido quando as pessoas são tratadas de forma injusta ou desumana, e pode contribuir para (ao invés de interferir em) uma interpretação apropriada do moralmente errado. Isso não quer dizer que a emoção crua pode ser um guia para a moralidade; os sentimentos precisam ser refletidos e educados.

Noddings rejeita a perspectiva racional-cognitivista, assim como Prinz, que expõe uma perspectiva também não cognitivista e fundamenta um processo de moralização de emoções básicas derivadas de emoções mais primitivas e não morais. Nesse ponto, Noddings (2003, p. 43, grifos da autora) argumenta:

Para o pensamento racional-objetivo ser colocado a serviço do cuidado, devemos, nos momentos certos, desviá-lo do abstrato, para o qual ele tende, e trazê-lo de volta ao concreto. Às vezes, precisamos suprimi-lo em favor do pensamento subjetivo e da reflexão, permitindo tempo e espaço para *exagerá-la e senti-lo*. O modo racional-objetivo deve ser continuamente restabelecido e redirecionado a partir de uma nova base de compromisso.

Desta forma, a Ética do Cuidado apresentada pela autora não nega o racionalismo-cognitivista em sua totalidade, apresenta uma hierarquia em que o sentimento de cuidado prevaleça e o foco esteja no compromisso da ação na situação concreta. Noddings não descarta a reflexão e introspecção na ética do cuidado. Quando a autora indica o redirecionamento do pensamento racional-objetivo a partir de bases de compromisso, introduz a perspectiva de que o cuidado na esfera moral não se trata de uma intenção ou de uma aspiração, mas de uma forma de agir concreta.

4 O feminino e o feminismo

A Ética do Cuidado surge a partir da análise de Gilligan sobre os comportamentos morais entre homens e mulheres cisgênero. Em um trabalho de entrevistas e análise das respostas obtidas, sua percepção

foi a de que as mulheres, durante o processo de amadurecimento, “emergem desse período com uma base para ‘empatia’ construída em sua definição primária de si mesmo de uma forma que os meninos não fazem” (GILLIGAN, 2003, p. 8). Os homens apresentam uma imparcialidade, não contextualizam os problemas morais e partem de interpretações abstratas dos dilemas morais.

O cuidado é mais aparente no âmbito feminino da moral, porém essa afirmação durante muito tempo foi atribuída à construção familiar dos relacionamentos heteronormativos e a habilidade de mulheres cis conceberem filhos e conseqüentemente a habilidade de tornarem-se mães, cuidadoras. Isso dá uma justificativa biológica ao cuidado, o que gera duras críticas feministas e principalmente da comunidade lésbica e transgênero, visto que concede apenas visibilidade às mulheres cis heterossexuais.

Entretanto a Ética do Cuidado tem um viés feminista, pois apresenta a visão feminista da moral e da crítica às éticas que sempre focaram no pensamento patriarcal. Essa ética traz luz a uma estrutura de pensamento feminino. De acordo com Held (2006, p. 23):

A validação feminista da experiência das mulheres teve conseqüências importantes na ética. Isso levou a uma crítica fundamental das teorias morais que eram (e em grande medida ainda são) dominantes e para o desenvolvimento de abordagens feministas alternativas da moralidade. Por exemplo, ao longo da história de pensar o humano como Homem, a esfera pública a partir da qual as mulheres foram excluídas foi visto como a fonte do distintamente humano, moral e criativo.

A Ética do Cuidado ultrapassa a esfera feminina, mesmo que nela tenha se originado. Noddings afirma que o cuidado pertence à esfera humana, independente de gênero, o cuidado é acessível a todos. O que demonstra que o cuidado não provém de estruturas biológicas atreladas ao que se considera feminino dentro do senso comum, mas da cultura, da educação, que durante muito tempo, foi dividida entre papéis gêneros, o homem como ser racional, educado para viver na esfera pública ou no espaço da participação política e a mulher como ser emocional e educada para viver no espaço da vida privada. Portanto, a Ética do Cuidado pode ser considerada feminista por romper com os ideais de papéis de gênero. Aqui vale ressaltar o que a filósofa feminista Simone de Beauvoir (1967, p. 9) já havia apontado: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade.”

Mesmo que Noddings ofereça diversos exemplos relacionados à maternidade e à pedagogia, devemos fazer duas considerações, a primeira é de que a autora não aborda questões de identidade de gênero, mas alerta uma dissonância com a heteronormatividade no que se espera socialmente de uma mulher:

Uma mulher que não deseja ter filhos não é – e não deveria ser – considerada de alguma forma defeituosa, mas uma mãe que não cuida de seu filho pode ser considerada como

tendo um defeito no sentido de que lhe falta um instinto ou característica considerada essencial para a sobrevivência da espécie humana. Pelos padrões de hoje, tal mulher é, no entanto – e creio que com razão – considerada plenamente humana, porque possui outras qualidades características de mulher (NODDINGS, 2010, p. 34).

A segunda é que a ideia do cuidado ser mais presente no âmbito feminino provém de um determinado modelo sociocultural, entretanto não se apega a ele. Na verdade, ressignifica o fruto da educação moral para determinado papel de gênero imposto e impulsiona a difusão desse cuidado na educação em geral, sem impelir papéis de gênero. Dito isso, a própria autora nega o essencialismo que sua teoria parece afirmar:

Quando rejeito o essencialismo, rejeito a ideia de que os seres humanos femininos e masculinos foram criados com características essenciais por Deus e que essas naturezas não devem ou não podem ser alteradas. Características evolutivas profundamente enraizadas podem mudar e mudam, mas a mudança deliberada é extremamente difícil e pode levar muito, muito tempo (NODDINGS, 2010, p. 205).

Mas se autora considera que as características evolutivas podem levar muito tempo para serem mudadas, a abordagem sociocultural que perpassa grande parte das autoras que tratam do cuidado em suas obras se faz ainda mais necessária. Nel Noddings demonstra consciência de que a atribuição do cuidado no âmbito feminino ao fator biológico enfraquece a base de seu modelo ético, que é o cuidado natural. Sobre isso, Noddings (2003, p. 166) explica:

Estou consciente de que o reconhecimento da possibilidade de fatores biológicos fortes enfraquece a minha afirmação fundamental de que a eticidade está enraizada – e construída– sobre o cuidado natural. Mas a afirmação é, assim, apenas enfraquecida, não destruída. Embora rejeitando a possibilidade de universalização de regras pessoais e julgamentos morais, confiei em nossa acessibilidade universal ao cuidado e às lembranças do cuidado.

Nesse processo, o viés feminista vai além de buscar igualdade entre gêneros, torna-se um método de transformação social para modificar o sistema de gênero já implantado. De acordo com Zirbel (2016, p. 21):

A existência de um sistema de subordinação como o de gênero justifica o investimento das teorias e práticas feministas em compreender seu funcionamento e combatê-lo. Assim, a teoria feminista, passou a ter como objetivo (1) identificar o funcionamento do sistema de gênero, (2) analisar as formas como as teorias o refletem e perpetuam, (3) encontrar maneiras de alterá-lo, (4) eliminando as injustiças e opressões que produz.

O feminismo dá-se como o processo de reconhecer que há diferenças na educação moral dentro do molde de papéis de gênero sustentados por tanto tempo na sociedade ocidental e de tentar transformá-lo de forma que se instaure a igualdade entre os gêneros. Nesse caso, não se busca favorecer o fator emocional em detrimento da racionalidade. Com o acesso à educação e a vida social, as mulheres tiveram acesso ao

pensamento moral racionalizado já desenvolvido, o que se preza é aflorar o cuidado natural através da educação moral sem distinção de gênero.

Desse modo, Gilligan afirma que não descreve a voz diferente identificada em seu livro com uma voz intrinsecamente feminina, essa observação empírica de sua pesquisa a levou a relacionar a voz diferente com o gênero feminino, entretanto, não é algo que possa ser generalizado (GILLIGAN, 2003). Nessa colocação, podemos encontrar mais uma relação que a proposta de cuidado natural de Noddings tem relevância na tentativa de gerar uma educação moral sem estigmas de gênero.

5 Alternativas universalizáveis

Como visto anteriormente, por mais que a Ética do Cuidado tenha como base o cuidado natural que é acessível a todos os humanos e que nossa autora a defina que há no ser humano uma aspiração para o bem, seu modelo ético não busca incorporar um conjunto de julgamentos morais universalizáveis. Nessa perspectiva, Noddings (2003, p. 32-33, grifos da autora) exprime esse argumento:

Rejeitarei a noção do cuidado universal – ou seja, o cuidado de todos-, porque ele é impossível de ser realizado e nos leva a substituir a resolução de problemas abstratos e a simples conversa pelo cuidado genuíno. Muitos de nós acham que não somente é possível cuidar de todos, mas moralmente obrigatório que façamos. Nós podemos, em um sentido que vai necessitar da elaboração, nos *importar* com todos; ou seja, podemos manter um estado interno de prontidão para tentar cuidar de qualquer um que cruze o nosso caminho.

Como o cuidado tem base em relações humanas, não é possível realmente cuidar de todos, pois as relações são desenvolvidas através da interação, é impossível interagir com todas as pessoas. Isso não significa que o impulso moral deixe de existir em outros contextos dado ao cuidado natural. O impulso moral, como citado anteriormente, pode ser negado, pode-se escolher quando, onde e quem é o objeto do cuidado que se encontra na esfera moral. O cuidado natural geralmente segue o impulso, pois não depende de uma decisão moral.

É possível se importar com aqueles com os quais não há interação, mas Noddings alerta que “*importar-se* sempre envolve uma certa negligência benigna” (NODDINGS, 2003, p. 144, grifos da autora). A efetivação do cuidado é dada pelas relações, “o cuidado exige absorção, compromisso, deslocamento da motivação” (Noddings, 2003, p. 144). Isso se dá em parte pelo sentimento de empatia e pelas obrigações com quem se relaciona. Sobre as obrigações, Noddings (2003, p. 114, grifos da autora) argumenta:

Há dois critérios que governam as nossas obrigações: “o da existência ou do potencial para a presente relação e o do potencial dinâmico de crescimento na relação incluindo o potencial de reciprocidade aumentada e, talvez da mutualidade. O primeiro critério

estabelece uma obrigação absoluta, e o segundo serve para colocar nossas obrigações em uma ordem de prioridade”.

O primeiro critério se relaciona com o cuidado natural; o segundo, com a deliberação sobre o cuidado. Para Noddings (2003), o cuidado tem origem em nossa predisposição para a bondade, o que gera a inclinação para o cuidado natural. Como emoções que aproximam a pessoa cuidadora do objeto do cuidado, destacam-se a empatia e a simpatia. De acordo com Prinz (2007, p.83):

Simpatia e empatia são um veículo para o cuidado quando o cuidado é dirigido a outros seres humanos. Simpatia e empatia também podem promover o cuidado. Sentir-se angustiado com a angústia de outra pessoa pode orientá-lo em relação a essa pessoa de uma forma que faz com que você se preocupe com o bem-estar dela.

Nel Noddings apresenta uma descrição do que considera empatia, a autora frisa que não é uma projeção, trata-se de recepção, de se tornar uma dualidade do outro e assim sentir e ver como o outro. “A ideia de *sentir-se* com que esbocei não envolve projeção, mas recepção. Eu a tenho chamado de *absorção*”. (NODDINGS, 2003, p. 47, grifo da autora). Entretanto, essa relação de empatia retorna à necessidade de construir uma relação com o objeto de cuidado, justamente para reconhecer seu contexto e necessidades individuais de cuidado. Por outro lado, a simpatia não depende dessa relação. Segundo Acton (1955, p. 62, grifos do autor):

O adepto da simpatia pode sustentar, além disso, que uma certa quantidade de simpatia é necessária para que alguém *perceba* que alguém *precisa* de ajuda, pois, pode-se dizer, é sob o estímulo do sentimento de solidariedade que um objetivo ou a atitude contemplativa em relação aos outros é transformada em uma consciência sensível das maneiras pelas quais eles podem ser ajudados ou prejudicados e têm uma reivindicação moral sobre nossos serviços.

A simpatia torna-se um elemento que expande a esfera relacional para que a ética do cuidado ocorra. Entretanto, esse cuidado não contempla em totalidade a dimensão que Noddings propõe. A teoria de Gilligan, em específico, elabora a ideia de que não há necessidade de um “autosacrifício” para que ocorra o cuidado. A simpatia moral não tem a necessidade de sentir-se com o outro. A “simpatia não é um sentimento animal primitivo, mas um exercício de imaginação envolvendo autoconsciência e comparação” (ACTON, 1955, p. 66). Além de não ser um sentimento primitivo, a simpatia moral depende também da racionalidade, Donovan (2007, p. 180) expõe:

Todos esses teóricos estão dizendo em resposta às acusações kantianas que a simpatia é irracional que, ao contrário, envolve um exercício de imaginação moral, uma atenção intensa à realidade do outro, o que requer fortes poderes de observação e concentração, bem como faculdades de avaliação e julgamento.

Porém, mesmo que a simpatia expanda o cuidado para além do círculo de relações do agente moral, ela não se completa integralmente. O cuidado para Noddings só se completa no outro. Aqui, Tânia Kuhnen (2015, p. 336) aponta uma reformulação, o cuidado responsável:

O princípio universalizável do cuidado possui a seguinte formulação: aja de modo que tuas ações reflitam a habilidade do cuidado responsável para com aqueles que se encontram em relação contigo, atendo-se à singularidade de sua forma de vida e às particularidades para a promoção de seu bem-estar.

A responsabilidade, no cuidado, permite a intenção moral já expandida pela simpatia e demonstra um amadurecimento do ato de cuidar. Assim, o próprio cuidado torna-se um princípio para o agir moral considerando a singularidade do paciente moral, ou, nesse contexto, objeto do cuidado. É necessário ressaltar que a responsabilidade também tem relação com o fator emocional que é intrínseco ao cuidado. Sobre isso, Hans Jonas (2006, p. 157) afirma que: “nosso lado emocional tem de entrar em jogo. E é da própria essência da nossa natureza moral que a nossa inteligência nos transmita um apelo que encontre uma resposta em nosso sentimento. É o sentimento de responsabilidade.”

Dessa forma, pode-se encontrar uma contradição ao dizer que o cuidado se torna um princípio para o agente moral, mas o princípio do cuidado conta com a singularidade e com o ideal de satisfazer o outro moralmente. O cuidado como um princípio ético não se apresenta como um conceito abstrato, “mesmo com a adoção de um princípio universal, o julgamento moral não pode abrir mão da contextualização, da observação do outro como um ser concreto e dos detalhes das relações dos envolvidos.” (KUHNNEN, 2015, p. 342). O cuidado é um princípio ético para a situação concreta. Kuhnen (2015, p. 338, adaptação nossa) expõe:

O princípio do cuidado responsável, [...] possui três implicações básicas que se podem extrair de Kittay e Meyers: 1) a exigência de dar ao indivíduo o cuidado apropriado; 2) evitar o dano ao se considerar o que é danoso para cada ser singular; e 3) manter as ligações dos relacionamentos de cuidado sem abrir mão da própria integridade. A aplicação adequada do princípio exige a sensibilidade ao contexto, isto é, sem compreender de forma refinada o contexto torna-se difícil fornecer o cuidado apropriado, isto é, tomar a melhor decisão possível em cada situação específica.

As implicações propostas por Kuhnen com base em Kittay e Meyers traçam o caminho para a sistematização de critérios para a Ética do Cuidado proposta por Nel Noddings, mas também incluindo a responsabilidade. O cuidado responsável se volta tanto para as relações em que há empatia quanto para aquelas que envolvem simpatia. Segundo Kuhnen (2015, p. 336):

O foco principal é mostrar que as redes de proteção do cuidado responsável, derivadas das interconexões e inter-relações entre os indivíduos humanos entre si e seres vivos de outras espécies, vai além dos por Noddings denominados de círculos próximos de cuidado. A

prática do cuidado pode ser um fio condutor universal sem que, para isso, perca as especificidades inerentes ao seu desenvolvimento e implementação.

Tânia Kuhnen também inclui mais um critério no cuidado responsável, a imparcialidade, rompendo com as afirmações de Noddings sobre a necessidade de uma relação entre o agente moral e o objeto do cuidado, refere-se a satisfação moral do objeto do cuidado de forma equitativa e situacional. Kuhnen (2015, p. 340) propõe que, para um cuidado universalizável:

A vulnerabilidade de todos os implicados em [sic] um determinada situação do cuidado é um critério fundamental para determinar a imparcialidade das ações em cada uma das esferas de relações de cuidado. Um indivíduo a ser cuidado nunca será igual ao outro, mas o critério da vulnerabilidade oferece uma garantia para que todos sejam atendidos de forma equitativa em suas necessidades de cuidado. O modo como se deve atender a vulnerabilidade de cada um vai variar de um indivíduo para outro. Saliente-se novamente que, para não errar no cuidado, é preciso que o agente moral cuidador dedique-se a entender e compreender as necessidades específicas do sujeito a ser cuidado.

A vulnerabilidade é o critério para o cuidado enquanto princípio ético. “A vida humana é condicionada pela vulnerabilidade” (DODDS, p. 1, 2004). A biologia, a psiquê, o ambiente e as relações sociais colocam os humanos em uma condição de vulnerabilidade desde o nascimento até a morte e, por consequência, isso também se expressa na moralidade.

Dessa forma, o cuidado continua considerando o contexto em que os indivíduos então envolvidos e “isso sim é um aspecto universal e inegável: o fato de cada sujeito à moralidade ser um ente singular e ter um direito à existência e a realização desta sua particularidade tanto quanto qualquer outro.” (KUHNNEN, 2015, p. 342). Isso garante com que a ética do cuidado não recaia na pura abstração ou coloque o objeto do cuidado dentro de um padrão ou princípio geral. (KUHNNEN, 2015). Todavia, essa abordagem pode supor uma negação da necessidade de que haja uma relação entre o cuidador e o objeto do cuidado que Noddings sugere, mas Kuhnen expande a esfera de relações, pois o cuidador e o objeto do cuidado “compartilham de uma comunidade, sociedade, ambiente, mundo” (KUHNNEN, 2015, p. 342). As relações expandidas formam uma rede de cuidado responsável e abrem uma perspectiva nova para a universalização do cuidado moral.

6 Considerações finais

A Ética do Cuidado proposta por Nel Noddings é mais do que uma abordagem moral, perpassa as questões de gênero dentro da perspectiva da construção da estrutura do pensamento filosófico ocidental e da construção social que acompanhou essa construção. Noddings, dentro dessa perspectiva, ressalta o fator emocional inserido no pensamento filosófico e moral.

Noddings relaciona o pensamento feminino ao aspecto emocional na moralidade, entretanto, este é o momento em que seu pensamento pode ser mal interpretado, a relação entre o feminino e o emocional não se trata do que o senso comum costuma apontar, ou seja, feminilidade, maternidade, sensibilidade, entre outros aspectos que foram durante muito tempo atribuídos às mulheres, entretanto esse é apenas o ponto de partida para Noddings, que, inspirada pela obra de Carol Gilligan, observa que a diferença de pensamento moral entre homens e mulheres não parte de diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas da forma por que ambos os gêneros são educados e os papéis que assumem na sociedade.

Essa percepção inicia o caráter feminista desta análise, pois a intenção de Noddings não é valorizar o fator emocional em detrimento da racionalidade na tentativa de valorizar a estrutura de pensamento feminino em detrimento do masculino, mas apresentar uma nova perspectiva para a construção de uma moral com base naquilo que foi ressaltado como pensamento feminino e promover essa característica. Como principal emoção, Noddings destaca o cuidado. A autora define dois tipos de cuidado, o natural, que é acessível a todos os seres humanos e o moral, que surge a partir do cuidado natural. O primeiro ocorre sem que se faça uma deliberação de que determinada ação é correta considerando seu contexto e o segundo apresenta o cuidado moral utilizado para a deliberação em situações que apresentam dilemas morais e éticos.

O cuidado natural parte de uma predisposição para o bem que é inerente ao ser humano, isso não quer dizer que o ser humano seja bom por natureza, mas há uma predisposição que, quando desenvolvida, direciona as ações morais para o bem. Dessa emoção moral deriva o cuidado natural e conseqüentemente o sentimento moral do cuidado, o cuidado moral visa à manutenção e ampliação desse mesmo cuidado. Esse ato parte das relações, pois, como Noddings destaca, há uma necessidade para que cuidado ocorra, é preciso que haja uma relação entre o agente cuidador e o objeto do cuidado, porém isso limita o cuidado. Não se pode universalizá-lo dessa forma, pois não podemos cuidar de todos a partir do momento em que não podemos conhecer e nos relacionar com todos. Assim, sugere-se a ampliação do cuidado moral através da empatia e da simpatia.

Nesse contexto, a empatia e a simpatia configuram sentimentos que podem impulsionar o cuidado. A empatia não descarta a necessidade de uma relação próxima entre o cuidador e o objeto do cuidado, ela remonta situação de sentir-se com o outro, de absorver o sentimento do outro no momento de cuidar. Para isso é necessário ter uma memória emocional que possa ajudar nesse exercício. Já a simpatia expande o alcance do cuidado, visto que se pode ter simpatia sem que se conheça uma pessoa, pode-se sentir simpatia por uma história, sem necessariamente conhecer seu protagonista e por isso ter o impulso de cuidar dessa pessoa, sem a necessidade de manter um relacionamento com ela.

Tânia Kuhnen apresenta a perspectiva de que não é que as relações passam a ser desconsideradas, mas expandidas. As relações a serem consideradas tornam-se maiores, como as relações escolares, institucionais, estaduais, sociais, pois de qualquer modo nossas ações causam impacto na sociedade em que vivemos e, por isso, o cuidado moral ainda pode ser utilizado em dilemas morais. Essa autora traz mais um fator para a ética do cuidado, a responsabilidade. Ela vem para complementar a questão de considerar o objeto do cuidado em seu contexto único, que demanda a aplicação do cuidado de forma diferente. Entretanto, isso pode justificar a falta ou o excesso de cuidado nas situações, então a responsabilidade, dada como um sentimento moral, agrega um parâmetro para o agente cuidador. Assim, Kuhnen apresenta o princípio do cuidado responsável: “aja de modo que tuas ações reflitam a habilidade do cuidado responsável para com aqueles que se encontram em relação contigo, atendo-se à singularidade de sua forma de vida e às particularidades para a promoção de seu bem-estar” como alternativa para a universalização do cuidado. Aqui encontra-se um embate entre o pensamento original de Nel Noddings e o de Tânia Kuhnen. Noddings rejeita a ética principialista, por considerá-la de pura forma e abstrata, mas quando o cuidado se torna o princípio da ética a coisa muda de figura, pois o cuidado, conforme desenvolveu Nel Noddings, já indica que a ética é prática e feita para situações concretas, considerando o contexto de cada situação. Porém, ainda falta um componente para essa ética, o parâmetro para poder aplicar o princípio do cuidado responsável, visto que este também precisa ser universal, mas não necessariamente igual para todos, sugere-se que esse parâmetro seja a vulnerabilidade.

A vida humana é condicionada pela vulnerabilidade, o que a torna universal, ainda que se apresente de forma diferente para cada pessoa, assim, mesmo demonstrando a necessidade de verificar o contexto do objeto do cuidado em questão. Por fim, pode-se considerar que há como atingir uma ética do cuidado universalizável através do cuidado responsável como um princípio ético que tem como parâmetros vulnerabilidade, simpatia, empatia e análise do contexto, considerando que o cuidado natural é acessível a todos. O fator emocional é bem apresentando nesse modelo ético, todavia, não descarta totalmente o modelo racional, pois a emoção primitiva tem de se tornar uma emoção moral, assim, após a análise do contexto, é possível fazer a deliberação.

O cuidado moral se desenvolve a partir do cuidado natural, o ponto de convergência entre o pensamento de Noddings e Kuhnen é a educação moral, mas não apenas domiciliar, na estrutura educacional escolar. Dessa forma, propõe-se que através da educação ampla e não binária, uma educação em que, independentemente de gêneros e futuros papéis sociais que serão assumidos na vida adulta, todos possam desenvolver o cuidado natural e agir com o cuidado moral no convívio social.

Referências

ACTON, H. B. The Ethical Importance of Sympathy. *Philosophy*, JSTOR. vol. 30, n. 112, p. 62– 66, 1955. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3747731>. Acesso em: 15 de mai. de 2021.

ARAÚJO, C. M. *Uma crítica à feminilidade na ética do cuidado de Nel Noddings: o cuidado para além do gênero*, 2017. 118f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

DODDS, S; MACKENZIE, C; ROGERS, W. (org.) *Vulnerability: new essays in ethics and feminist philosophy*. New York: Oxford Press, 2004.

DONOVAN, J. Attention to suffering: sympathy as a basis for ethical treatment of animals. In: DONOVAN, J.; ADAMS, C. (org.). *The feminist care tradition in animal ethics*. Nova York: Columbia University Press. 2007. p. 174 – 197.

GILLIGAN, C. *In a different voice: psychological theory and woman's development*. 38 ed. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

HELD, V. *The ethics of care: personal, political and global*. Nova York: Oxford University Press, 2006.

JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução de Marijane Lisboa, Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC - Rio, 2006.

KUHNEN, T. A. *O princípio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral*, 2015. 383f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NODDINGS, N. *O Cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. Tradução de Magda Lopes. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. *The Maternal Factor: two paths to morality*. Londres: University of California Press, 2010.

PRINZ, J. J. *The Emotional Construction of Morals*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

SCHELER, M. *The nature of sympathy*. 3 ed. Nova York: Routledge, 2017.

RODRIGUES, A. *Formação ética do(a) pedagogo(a): entre o dever e o cuidado*. Orientador: Elizete Passos. 2016. 258 p. Tese (Doutor em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.) - Universidade Federal Da Bahia Faculdade De Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18535>>. Acesso em: 8 mar. 2024.

ZIBREL, I. *Uma teoria político-feminista do cuidado*, 2016. 260f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Recebido em: 01/01/2024

Aceito em: 27/03/2024